

Instituto faz estudo...

por Celso Pinto
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

1988. Os investimentos deverão ser prejudicados não só pelos esforços, especialmente da política monetária, que deverão ser feitos para conter o déficit, como também pelas incertezas que envolvem o processo de elaboração de uma nova Constituição.

O estudo chama a atenção à dificuldade que o governo tem enfrentado para controlar as contas públicas, o que torna difícil compatibilizar as várias metas econômicas contidas no Plano de Controle Macroeconômico. "O problema econômico central do País continua sendo a falta de controle sobre todo o espectro das finanças públicas: federal, estadual, municipal e empresas estatais", diz o relatório.

As projeções e os pressupostos do estudo para a área externa são muito interessantes. A previsão é relativamente conservadora no caso da balança comercial: um superávit de US\$ 9,3 bilhões neste ano e US\$ 10,5 bilhões no próximo. O Banco Central já reviu sua estimativa para este ano para US\$ 9,6 bilhões e muitos apostam em mais de US\$ 10 bilhões.

O relatório parte do suposto de que o Brasil não pagará os juros aos bancos neste ano, acumulando atrasados de US\$ 4,5 bilhões, mas conta com o restabelecimento de relações normais com o mercado financeiro internacional em 1988. São várias as consequências desta hipótese.

Na montagem das contas externas para o próximo ano o relatório supõe que o Brasil fará um acordo com o FMI, onde obterá US\$ 1,77 bilhão (neste ano, o País pagaria o US\$ 1,112 bilhão que deve ao Fundo). Faria também um acordo com o Clube de Paris. Em consequência, o País conseguiria US\$ 2,069 bilhões de organismos multilaterais e US\$ 1,110 bilhão de créditos oficiais bilaterais. Em termos líquidos, descontados os pagamentos devidos, o Fundo contribuiria com US\$ 1,042 bilhão, os organismos multilaterais com US\$ 1,080 bilhão, e os créditos oficiais com US\$ 868 milhões.

Essa participação importante de recursos oficiais permitiria que os bancos contribuissem menos do que se supõe hoje. O governo brasileiro está pedindo aos bancos US\$ 7,2 bilhões

em refinanciamento de juros em 87 e 88. Pelas contas do Instituto, para financiar o hiato de recursos dos dois anos, estimados em US\$ 7,4 bilhões, os bancos poderiam ficar responsáveis, em 88, por apenas US\$ 3,4 bilhões em refinanciamentos, mais US\$ 800 milhões resultantes da conversão de dívida em investimentos.

O exercício feito pelo Instituto ilustra a importância que terá, na negociação da dívida externa, a questão da participação dos organismos oficiais. Banqueiros norte-americanos ouvidos por este jornal prevêem que este será um ponto básico na conversa de sexta-feira, em Washington, entre o comitê dos bancos e autoridades brasileiras. Os bancos acham excessivo o tamanho da conta apresentada pelo Brasil para elcs e querem ter alguma garantia de que parte dela poderá ser assumida pelos governos, diretamente ou através de organismos multilaterais como o FMI e o Banco Mundial.

Nas projeções do Instituto, o déficit em conta corrente cairia de US\$ 4,702 bilhões em 86 para US\$ 3,431 bilhões em 87 e US\$ 2,947 bilhões em 88. O estudo prevê que os recursos não originados por endividamento, o que inclui os investimentos diretos, chegariam a US\$ 310 milhões neste ano e US\$ 1,510 bilhão em 88, mas duas ressalvas devem ser feitas. Em primeiro lugar, o estudo inclui nesta conta o lucro reinvestido pelas multinacionais, o que infla os números quando comparados aos do Banco Central. Além disso, o salto do próximo ano pressupõe que estejam em vigor regras flexíveis para a conversão da dívida em investimento.

Os cálculos do estudo supõem também que os bancos cumprirão o que foi acertado no acordo firmado no ano passado, transformando linhas interbancárias em créditos comerciais de curto prazo em US\$ 200 milhões este ano e US\$ 400 milhões, no próximo. As reservas cresceriam US\$ 520 milhões este ano e ficariam estáveis em 88.

O tom geral da análise reflete, em grande medida, preocupações que são comuns entre os bancos. Serve, nesse sentido, como uma espécie de roteiro do que deverão ser as principais dúvidas dos bancos credores em relação à economia brasileira, nas próximas rodadas de negociação da dívida externa.

GAZETA MERCANTIL

Instituto faz estudo crítico da economia

por Celso Pinto
de Nova York

O Plano Bresser, embora mais flexível e orientado para o mercado do que o Plano Cruzado, sofre de alguns problemas semelhantes. "A questão crítica é (saber) se a administração poderá reunir o apoio político para atingir seus objetivos de estabilização."

A advertência faz parte de um estudo sobre a economia brasileira concluído no último dia 11 pelo Instituto de Finanças Internacionais, uma organização sediada em Washington e sustentada por grandes bancos internacionais. Uma equipe de economistas mobilizada pelo instituto esteve no Brasil em meados de agosto e elaborou um relatório sobre o País, de circulação restrita aos bancos, ao qual teve acesso este jornal.

A análise do instituto serve de subsídio importante na formação da opinião dos bancos credores. O diagnóstico feito para a economia brasileira é bem mais crítico e cauteloso do que o contido no relatório preparado recentemente pelo "staff" do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os economistas do instituto consideram que as medidas fiscais e monetárias de controle, inclusive as adotadas mais recente-

mente, "têm tido até agora um efeito limitado". Por essa razão, prevêem que o déficit público operacional, neste ano, não ficará abaixo de 5% do Produto Interno Bruto (PIB), bem acima, portanto, dos 3,5% imaginados pelo governo.

Em consequência, e também como reflexo da forte expansão monetária de julho e agosto, o instituto espera que a inflação retome seu vigor no último trimestre deste ano "a níveis de 10% ao mês ou mais". O crescimento do PIB ficaria limitado a 4,5% neste ano e a 5% no próximo.

Essa previsão, mais pessimista do que a do governo para o crescimento, resulta no ceticismo dos economistas do instituto sobre a meta oficial de uma expansão de 8% dos investimentos privados em

(Continua na página 15)